

FUNES, O MEMORIOSO, DE BORGES: LEMBRAR É VIVER?

*Daniele Scalia**
daniele.scalia@hotmail.com
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

*Niura Maria Fontana***
niurafontana@gmail.com
Universidade de Caxias do Sul

Resumo: Por sua relevância, a memória tem sido tematizada nas diversas áreas dos saberes humanos ao longo da história. Nesse sentido, este trabalho propõe-se a investigar as questões da memória e do esquecimento, tomando como objeto de estudo o conto de Borges, “Funes, o memorioso”. Os procedimentos metodológicos adotados compreendem a análise interpretativa do conto, apoiada nas postulações de Nietzsche relevantes para os aspectos identificados e suplementada por contribuições das neurociências, principalmente as oferecidas por Izquierdo e Luria, somadas a comentários da crítica literária. As conclusões confirmam a tese nietzschiana de que o excesso de memória e o apego a-histórico ao passado acarretam consequências nefastas para a vida de indivíduos e sociedades, na ficção e na realidade.

Palavras-chave: Memória e esquecimento. Borges. Nietzsche. Cultura histórica. Literatura.

1 Considerações iniciais

O interesse pela memória acompanha a história da humanidade, possivelmente por milênios e encontra justificativa, tanto do ponto de vista individual quanto coletivo:

* Doutoranda em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) sob orientação do Prof. Dr. Gerson Roberto Neumann. Mestra em Letras e Cultura pela Universidade de Caxias do Sul (bolsista PROSUC/CAPES), orientada pela Profa. Dra. Alessandra Paula Rech. Licenciada em Letras - Língua Inglesa (2017) pela mesma instituição. Atua como tradutora e revisora em Língua Inglesa e como professora de Língua Inglesa para fins específicos. É pesquisadora voluntária no grupo de pesquisa Literatura e Gênero, coordenado pela Profa. Dra. Cristina Löff Knapp na Universidade de Caxias do Sul, integrando o projeto MEDO - A representação do medo na escrita de autoria feminina. Atuou como instrutora de inglês de 2013 a 2018 em escolas de idiomas (contratada). Tem experiência no ensino de Língua Inglesa como LE, tradução no par Inglês (EUA)/Português (BR) e pesquisa na área de literatura com ênfase em crítica feminista e questões de gênero. E-mail dscalia@ucs.br.

** Possui graduação em Licenciatura Plena em Letras - Português Inglês - (1976) e Bacharelado em Filosofia (2019) pela Universidade de Caxias do Sul, especialização em Letras - Teoria da literatura - pela Universidade de Caxias do Sul (1979), especialização em Ensino de Inglês pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1986) e mestrado em Applied Linguistics - University of Wales - Bangor (1989). Atualmente é professora aposentada da Universidade de Caxias do Sul. Atuou principalmente nos seguintes temas: práticas de leitura, gêneros discursivos, elaboração de material didático de português para o nível superior e formação de professores de Língua Portuguesa e Inglesa.

nos indivíduos, contribui para a construção da identidade do *self*, mantendo a continuidade psíquica e a consciência de si e do mundo, apesar das mudanças que ocorrem ao longo da vida; no coletivo, permite o desenvolvimento de uma consciência histórica, fundamental para o sentimento de coletividade e a evolução da humanidade. Devido a essas funções, entre outras, a memória tem sido objeto de estudo e de reflexão em diferentes áreas do saber humano: da filosofia à psicologia, da psicanálise às neurociências, da antropologia às artes. O ser humano é histórico e, por isso mesmo, para manter-se situado no mundo, necessita de memória.

Na literatura, a memória aparece enquanto temática de diversas formas: como resgate de infâncias idílicas, maneira de assimilar traumas, reminiscências de passados ditatoriais, (re)construção de identidades para citar alguns exemplos. Assombrado por um aparente medo do esquecimento, o ser humano busca diversas maneiras de rememoração. No entanto, ainda no final do século XIX, Nietzsche faz um alerta: o excesso de cultura histórica pode ser paralisante. Assim, a questão da memória, posta de forma simplificada, revela ser muito mais complexa quando vista pela lente nietzschiana.

Este trabalho propõe-se a analisar a memória e o esquecimento, associados às repercussões que podem acarretar à vida humana, por meio de uma proposta de leitura do conto “Funes, o memorioso”, de Jorge Luis Borges, principalmente, pela perspectiva nietzschiana a respeito dessa temática inserida na cultura histórica, assim como pelo viés das neurociências e de comentários da crítica literária. Para atingir esse objetivo, primeiramente, foi realizada uma leitura interpretativa do conto, seguida de uma leitura exploratória de obras de Nietzsche voltadas para os tópicos identificados no texto literário em estudo. Concomitantemente, foram sendo incorporadas as contribuições advindas das neurociências e da crítica literária.

A fim de realizar a análise proposta, o ensaio divide-se em quatro momentos reflexivos. No primeiro deles, a situação do conto e o personagem principal são apresentados e analisados pela perspectiva dos estudos da memória, explorando as diferenças entre a memória da voz narrativa e a do personagem principal. No segundo momento, os conceitos nietzschianos de super-homem e espírito livre são discutidos buscando verificar a suposta superioridade de Funes, tido inicialmente como um espírito livre por suas características excêntricas. O terceiro momento, por sua vez, aborda a noção de cultura histórica com o intuito de demonstrar como o excesso de memória pode paralisar um indivíduo e até mesmo uma civilização, uma vez que a

capacidade de sentir a-historicamente é essencial para a felicidade e para a ação afirmativa da vida. Por fim, o quarto momento analisa as dificuldades que Funes apresenta com a linguagem, demonstrando como ele é, na verdade, um prisioneiro da memória, incapaz de sistematizações e generalizações e, portanto, de pensar. A abordagem teórica parte das reflexões de Nietzsche, e perpassa os estudos da memória realizados por Izquierdo, Luria, Vargas, Campos, Santacana e Nebot, bem como levanta aspectos discutidos pela crítica literária a respeito da memória em Borges, passando dos apontamentos de Seger às reflexões de Sarlo. Por último, as considerações finais retomam a questão da necessidade do esquecimento para a afirmação da vida, demonstrando a pertinência da realização da leitura do conto sob a perspectiva da filosofia nietzschiana.

2 Memória: lembrança livre e lembrança a partir de estímulos

O conto “Funes, o memorioso”, publicado no volume I das Obras Completas de Borges (1999), apresenta a memória como fio condutor. A narrativa, organizada à semelhança de um relato cronologicamente ordenado, é estruturada em torno de Ireneo Funes, o personagem central, e do narrador-personagem. Ao estabelecer a situação inicial, o narrador relata as circunstâncias em que conheceu o protagonista e traça seu perfil a partir de algumas peculiaridades, como a de não se relacionar com ninguém e a de saber sempre as horas, sem consultar o relógio ou o céu. Funes é apresentado sugestivamente, por meio das reminiscências do narrador:

Recordo-o (não tenho o direito de pronunciar esse verbo sagrado, somente um homem na terra teve direito e esse homem morreu) com uma escura flor-da-paixão na mão, vendo-o como ninguém o viu, embora o avistasse do crepúsculo do dia até o da noite, toda uma vida. Recordo-o, o rosto taciturno e indiático e singularmente *distante*, por trás do cigarro. Recordo (creio) suas mãos afiladas de trançador. Recordo perto dessas mãos um chimarrão, com as armas da Banda Oriental; recordo na janela da casa uma esteira amarela, com uma vaga paisagem lacustre. Recordo claramente sua voz; a voz pausada, ressentida e nasal de antigo homem dos subúrbios, sem os silvos italianos de agora (Borges, 1999, p. 539).

Nesse relato, a centralidade da memória é enfatizada pelo uso reiterado da palavra ‘recordo’, ao mesmo tempo que revela uma característica inerente às lembranças ou recordações que, sabidamente, são construídas a partir das percepções do sujeito e da intensidade com que certas vivências ficam impressas na

memória e, por isso mesmo, não da fidelidade factual. O narrador do conto *acha* que recorda; ele não afirma que assim foi. E sua percepção de que memória e realidade não são equivalentes encontra suporte na neurociência.

Nesse sentido, Izquierdo (2002, p. 16-17) explica que

O próprio conceito de memória envolve abstrações. Podemos lembrar de maneira vívida o perfume de uma flor, um acontecimento, um rosto, um poema, a partitura de uma sinfonia inteira, como fazia Mozart quando criança, ou um vastíssimo repertório de jogadas possíveis de xadrez, como faz Kasparov. Mas a lembrança não é igual à realidade. A memória do perfume da rosa não nos traz a rosa; a dos cabelos da primeira namorada não a traz de volta, a da voz do amigo falecido não nos recupera o amigo. Há um passe de prestidigitação cerebral nisso; o cérebro converte a realidade em códigos e a evoca também por meio de códigos.

A evocação também tem sido relacionada às emoções por muitos estudiosos. De acordo com Vargas (2008), por exemplo, o que a memória humana guarda nunca é o todo acontecido, mas apenas aquilo que foi significativo para o indivíduo. O resto passa despercebido. Dessa forma, o que a memória mantém são resultados de análises perceptivas. A seleção das informações guardadas está diretamente ligada às emoções dos indivíduos quando recordam. Assim, pessoas com quadros de depressão apresentam memórias de acontecimentos tristes de forma mais vívida. A esse fenômeno chama-se memória congruente com o estado de ânimo. Isso significa dizer que as pessoas recordam mais facilmente acontecimentos passados cuja carga afetiva é condizente com seu estado emocional presente, portanto, a memória é seletiva e não recupera sempre tudo o que conserva, podendo recordar o mesmo acontecimento de formas diferentes.

Para Izquierdo (2002), há também o que a psicanálise chama de repressão, memórias que o indivíduo decide ignorar, na maior parte das vezes, por conterem episódios humilhantes, desagradáveis ou inconvenientes. Embora possa ser voluntária, a repressão é, majoritariamente, espontânea: o cérebro reprime memórias consideradas desagradáveis ou prejudiciais. O autor aponta para a persistência de algumas memórias devido ao nível de “alerta emocional” que acompanha sua consolidação inicial, mas explica que o esquecimento é necessário para além do problema da possibilidade de armazenar memórias em demasia e assim impedir o curso normal dos pensamentos. Izquierdo argumenta que conservar detalhes em excesso de memórias muito emocionantes pode causar danos à vida afetiva. Vejamos:

Imaginem se guardássemos todos os detalhes de cada velório de um ser querido: desde o rosto cambiante do morto até o pranto peculiar de cada indivíduo ali presente ou de um episódio muito humilhante ou de uma guerra. Viveríamos condenados a permanecer para sempre em um quadro gravíssimo e intratável de depressão (Izquierdo, 2002, p. 61).

No conto, o personagem hipermnésico de Borges mostra-se completamente incapaz do processo de repressão de memórias. Dessa forma, coisas pequenas e insignificantes ocupam-no constantemente. Detalhes irrelevantes, datas de primeiros encontros e descrições minuciosas de tudo o que ele ouve, vê e percebe acumulam-se sem critério algum em sua mente, perturbando-o com uma opressiva cacofonia de informação que causa assombro no narrador ao reencontrá-lo em seu quarto completamente escuro e capaz de ler e compreender Latim em curto espaço de tempo. Na conversa daquela noite, Funes relata ter sofrido uma queda de cavalo e, em consequência disso, ficado paraplégico e desenvolvido uma memória extraordinária, objeto de admiração de muitos.

Evidência da capacidade e infalibilidade da memória desenvolvida por Funes é sua habilidade de recitar todo o vigésimo quarto capítulo da *Naturalis Historia*, justamente o que se refere à memória, em cujo final lê-se: *ut nihil non isdem verbis redderetur auditum*¹. Ironicamente, sua memória extraordinária não parece encontrar correspondência na compreensão, uma vez que a citação final do capítulo memorizado fielmente contradiz o processo que ele vivencia. Essa afirmação demonstra que a memória não é, na verdade, capaz de reter o passado, mas sim que recria a si mesma. Os pesquisadores Izquierdo, Bevilaqua e Cammarota (2006) apontam a incapacidade de o cérebro humano lembrar-se de tudo, e percebem esse aspecto no conto de Borges quando afirmam que Funes consegue lembrar, nos mínimos detalhes, um dia inteiro de sua vida, mas precisa de outro dia inteiro para fazer isso, o que torna a tarefa impossível. Izquierdo (2006) argumenta, seguindo McGaugh, que é possível afirmar que o esquecimento é a característica mais proeminente da memória.

Consistente com essa visão, o narrador reafirma a incapacidade da memória de lembrar-se completamente do passado quando declara:

¹ Em tradução livre: “De forma que nada que foi ouvido pode ser dito outra vez com as mesmas palavras.”

[...] **Não tentarei reproduzir suas palavras, irrecuperáveis agora.** Prefiro resumir com veracidade as muitas coisas que me disse Irineu. **O estilo indireto é remoto e fraco; sei que sacrifico a eficácia de meu relato;** que meus leitores imaginem os entrecortados períodos que me angustiaram nessa noite (Borges, 1999, p. 542, grifo nosso).

O comentário do narrador sobre sua preocupação com a veracidade do relato chama a atenção sobre modos diversos de operação da memória, pondo em contraste suas lembranças e as de Funes. Enquanto as lembranças do narrador são cuidadosas, resumidas, construídas com esforço, organizadas lógica e cronologicamente, sempre questionadas e até apoiadas em informações de terceiros, as de Funes são extremamente detalhadas e, aparentemente, lhe ocorrem sem esforço e sem questionamento, apesar de, em um dado momento da narrativa, ele apresentar uma tentativa malograda de sistematização do excesso de memórias.

Para fins de avaliação da memória, Campos, Santacana e Nebot (2015) postulam três procedimentos: o reconhecimento, a lembrança livre e a lembrança com indícios ou pistas. De acordo com os pesquisadores, o reconhecimento ocorre quando uma pessoa recebe vários estímulos e depois é solicitada a identificá-los a partir de alternativas propostas. A lembrança livre, como a designação expressa, consiste na identificação de estímulos previamente recebidos, na ausência de sua rerepresentação, de forma espontânea, na ordem que a pessoa desejar. A lembrança a partir de indícios corresponde a uma forma de evocação ativada por sinais ou pistas que auxiliam na recuperação de estímulos prévios. No conto, os personagens centrais, de certo modo, parecem exemplificar essa taxonomia: Funes, operando a partir da lembrança livre, que o assola sem a necessidade da rerepresentação de estímulos, e o narrador, a partir da lembrança baseada em pistas (como a ordenação cronológica das datas e dos fatos associados às mesmas) ou até do reconhecimento (como a voz e o rosto de Funes, ou trechos de livros que Funes recitava).

3 Funes, um super-homem?

As lembranças do reencontro com Funes evocadas pelo narrador-personagem têm o objetivo de integrar um projeto envolvendo testemunhos escritos de todas as pessoas que o haviam conhecido, inclusive o de Pedro Leandro Ipuche², poeta

² Autor uruguaio contemporâneo de Borges, que sobre ele escreveu um ensaio elogioso, “La criolledad en Ipuche”. Disponível em:

uruguaio bacharel em filosofia, que considera Funes um precursor do super-homem (ou além-homem) postulado por Nietzsche. Tal sugestão não é gratuita. A menção ao filósofo da suspeita, já no início do conto, parece apontar para uma chave de leitura, instigando a busca de suas ideias e conduzindo ao estabelecimento de pontos de contato com os eventos narrados.

O super-homem é o homem que supera a si mesmo, sendo quem é, apenas humano, com seus instintos e escolhas voltados à liberdade de viver, livre das amarras da moral tradicional, sem pretensão a ser extraterreno ou a adentrar a dimensão do sobrenatural. Como explica Abbagnano (1998, p. 933), baseado no argumento de Nietzsche de que o homem deve ir além do homem, o super-homem “é a encarnação da vontade de potência”. De fato, a seguinte passagem de *Assim falou Zaratustra*, parte 1, aforismos 3 e 4, ilustra a definição de além-homem:

O homem é algo que deve ser superado. [...] O super-homem é o sentido da terra. [...] Suplico-vos, meus irmãos, permaneço *fiéis à terra* e não creiais naqueles que vos falam de esperanças supraterras! [...] O homem é uma corda, estendida entre o animal e o super-homem — uma corda por sobre um abismo. [...] O que é grandioso no homem é que ele seja uma ponte, e não um fim: o que pode ser amado no homem é que ele seja uma *passagem* e um *ocaso* (Nietzsche, 2022, p. 28; 30).

Antes do acidente, Funes era um excêntrico com dificuldades de relacionamento e habilidades, no mínimo, curiosas; no entanto, como ele mesmo afirma ao descrever-se, vivia como quem não compreendia o mundo ao seu redor adequadamente, alienava-se de tudo e de todos, vivendo de maneira completamente independente. A partir dessa descrição, é possível, em um primeiro olhar, pensar em Funes como um espírito livre, conforme o conceito nietzschiano, uma vez que o espírito livre é definido como aquele que é inconciliável com a moral cativa e vigente, chamando atenção por sua excentricidade e inteligência, ou seja, “[...] aquele que pensa de modo diverso do que se espera com base em sua procedência, seu meio, sua posição e função, ou com base nas opiniões que predominam em seu tempo” (Nietzsche, 2005, p. 145). No entanto, uma observação mais atenta do caráter de Funes evidencia que embora ele fosse uma figura muito fora do comum, o que está de acordo com a descrição de espírito livre, cujos princípios, por vezes, podem ter origem em excentricidade e excitação mental, ele não questionava a moral vigente;

http://letrasuruguay.espaciolatino.com/aaa/borges/la_criolledad_en_ipuche.htm. Acesso em: 19 jan. 2022.

pelo contrário até o momento de sua queda vivia como qualquer cristão, como um indivíduo completamente alienado. Embora no conto o epíteto de cristão deva ser entendido figurativamente, convém atentar para o que diz Nietzsche sobre questões de fé e religiosidade.

No aforismo 227 de *Humano, demasiado humano* (Nietzsche, 2005), o cristianismo é descrito como excessivamente ingênuo nas concepções intelectuais por exigir apenas fé e rejeitar a busca por razões, além de apontar essa postura como propiciadora de bem-aventurança. Na filosofia nietzschiana, o que define um espírito livre é a sua libertação da tradição, seja com felicidade ou com fracasso. O espírito livre busca pela verdade e exige razões, enquanto que o espírito cativo, exige fé. Portanto, nessa perspectiva, a fé é o habituar-se a princípios intelectuais sem razões.

A força da religião cristã provém da fé que nela têm os espíritos cativos. Conforme Oliveira (2017), a partir daí a moral cristã passa a afirmar-se como um princípio básico para o ordenamento humano. A crença nos princípios do cristianismo não permite que os instintos humanos sejam vivenciados, constituindo, nesse caso, a própria negação da vida. Nessa linha, Funes vivia sem procurar compreender o mundo ou viver plenamente, não podendo assim ser caracterizado como um espírito livre. Apesar de não discutir a ideia proposta de que Funes fosse um Zarastustra, o narrador lembra que ele “[...] era também um compadrito³ de Fray Bentos, com certas incuráveis limitações” (Borges, 1999, p. 539). Assim, a partir da lente nietzschiana, uma dúvida a respeito de Funes como personalidade admirável, genial e livre, começa a se insinuar na narrativa.

O acidente no qual Funes se envolve assemelha-se ao modo como Nietzsche descreve a origem do gênio, que se dá quando, diante de circunstâncias adversas às quais a natureza o expõe, o indivíduo deve encontrar uma forma original de superação, uma vez que “[...] ela o prende num cárcere e estimula ao máximo seu desejo de se libertar” (Nietzsche, 2005, p. 147). Tal como alguém que se perde em uma floresta frequentemente encontra uma saída inusitada em seus esforços para descobrir o caminho para fora, o indivíduo que, assim como Funes, sofre alguma dificuldade em sua vida, acha uma maneira de superá-la, desenvolvendo o gênio, de

³ A respeito da figura do compadrito, Sarlo (1995) observa que Borges não propunha nenhuma idealização, denunciando Funes como um recém-chegado que imita os hábitos dos crioulos. O compadrito é um suburbano que faz uma imitação caricata dos locais, carregando marcas de uma cultura malvista.

quem se admira a originalidade: “[...] uma mutilação, um aleijamento, a falta relevante de um órgão, com frequência dá ocasião a que outro órgão se desenvolva anormalmente bem, porque tem de exercer a sua própria função e ainda uma outra” (Nietzsche, 2005, p. 147).

As indicações apontadas para a origem do gênio podem ser aplicadas ao caso da gênese do espírito livre. O próprio Funes considera-se alguém especial, com um saber acima da média das pessoas, e não lamenta estar preso em seu quarto, achando isso um preço baixo a pagar pela incrível capacidade de memória, consequência do acidente sofrido. Funes “Portava a soberba até o ponto de simular que fora benéfico o golpe que o tinha fulminado...” (Borges, 1999, p. 541). Nesse contexto, ele valoriza mais o lembrar do que o viver, o que corrobora a ideia de que, embora possa, em um primeiro momento, ser confundido com um espírito livre, Funes é na verdade um espírito cativo.

Em suma, ele não via sua condição de paralítico como algo ruim, mas sim como aquilo que lhe proporcionou um despertar de consciência, um entendimento da vida ao seu redor diferente do que havia vivenciado até então ao longo dos seus primeiros dezenove anos. A narrativa, nesse ponto, parece aludir a uma interpretação popular, embora não fidedigna, presente inclusive em obras de arte, segundo a qual o apóstolo Paulo teria caído de um cavalo ao ver-se cercado por uma luz resplandecente vinda do céu. No momento da queda, o gentio teria perdido a visão que só retornaria após o batismo. A queda do cavalo aparece como símbolo de uma mudança inesperada e profunda no espírito do apóstolo, o que modifica toda a sua existência. O mesmo parece acontecer com Funes, que, ao acordar do acidente, nota, antes de qualquer coisa, sua extraordinária capacidade de memória, fato que o deixa maravilhado e o faz pensar ter despertado para uma nova forma de consciência até então inacessível. A partir desse momento, ele torna-se um prisioneiro da memória, um homem que nunca mais conseguirá tomar ação frente a qualquer circunstância devido ao efeito paralisante que a completa e constante consciência do devir do mundo lhe causa. Porém, na sua hipermnésia, ele é, ironicamente, incapaz de aperceber-se desse fato. O narrador assim relata:

Disse-me que antes daquela tarde chuvosa em que o derrubou o azulego ele fora o que são todos os cristãos: um cego, um surdo, um abobado, um desmemoriado. [...] Dezenove anos havia vivido como quem sonha: olhava sem ver, ouvia sem ouvir, esquecia-se de tudo, de quase tudo. **Ao cair, perdeu o conhecimento; quando o recobrou, o presente era quase**

intolerável de tão rico e tão nítido, e também as memórias mais antigas e mais triviais. Pouco depois, constatou que estava aleijado. O fato apenas lhe interessou. Pensou (sentiu) que a imobilidade era um preço mínimo. Agora sua percepção e sua memória eram infalíveis (Borges, 1999, p. 543, grifo nosso).

Apesar de considerar-se um ser superior por sua tão aguda e incessante capacidade de observar nos mínimos detalhes tudo o que o cerca, Funes nota um problema em sua situação: a incapacidade de descansar, afirmando “Meus sonhos são como a vigília de vocês” (Borges, 1999, p. 543). O trecho do conto, a seguir, revela o desconforto do personagem insone:

Era-lhe muito difícil dormir. Dormir é distrair-se do mundo; Funes, de costas no catre, na sombra, imaginava cada fenda e cada moldura das casas certas que o rodeavam. (Repito que a menos importante de suas lembranças era mais minuciosa e mais viva que nossa percepção de um prazer físico ou de um tormento físico). A leste, num trecho não demarcado, havia casas novas, desconhecidas. Funes as imaginava pretas, compactas, feitas de treva homogênea; nessa direção voltava o rosto para dormir. Também costumava imaginar-se no fundo do rio, embalado e anulado pela corrente (Borges, 1999, p. 545).

Nessa perspectiva, Seger (2019) argumenta que dormir exige confiança e entrega, é um abandonar-se. Assim, quem não dorme é incapaz desse abandono, do esquecimento do mundo e do descanso. A figura daquele que é incapaz de dormir aparece, por vezes, na literatura. É o caso do insone personagem de Fernando Pessoa (2019, p. 30) que também busca essa entrega e anseia pelo repouso, como ilustrado na passagem: “Cessar, passar fluido e ribeirinho, fluxo e refluxo de um mar vasto, em costas visíveis na noite em que verdadeiramente se dormisse”. Da mesma forma, Borges conta em uma entrevista concedida em 1985 ⁴que sofria de insônia no momento da escrita do conto e encontrava-se incapaz de esquecer-se de seu corpo e das batidas do relógio que podia ouvir. Funes teria, então, sido concebido como uma metáfora da insônia.

Funes sente-se sufocado e busca uma forma de esquecer-se do mundo, ou pelo menos, de amenizar a quantidade de estímulos que recebe. Olhar para o desconhecido, para o breu, é uma forma de descansar, assim como, mesmo que paradoxalmente, imaginar-se mergulhado em água é um respiro. O afogar-se acontece no dia a dia devido ao excesso de informação que povoa a mente hipermnésica. A respeito de Funes, a autora comenta:

⁴ A entrevista pode ser encontrada em <https://www.youtube.com/watch?v=oqg0crj1S2o>

Imagino-o prostrado, imóvel. Olhos abertos ou fechados, pouco importa. Persianas ou pálpebras já não têm qualquer serventia, não oferecem qualquer proteção. Tudo impõe contato, invade-o, toca-o, chama-o sem descanso. Peregrina de imagem em imagem, deambula por desvios sem fim. É a sentinela solitária do correr ininterrupto do mundo; é prisioneiro deste mesmo correr (Seger, 2019, p. 111).

Em estado de constante rememoração, observando todas as mínimas mudanças no ambiente que o cerca e imediatamente transformando-as em lembranças sem qualquer forma de organização, o passado é intensamente presente em Funes, impossibilitando o entregar-se ao sono, como também o entregar-se à vida. Assim, não é possível considerá-lo como um espírito livre. Paralisado, sem descanso, Funes é um cativo, uma vítima de sua incrível capacidade de memorização.

4 A cultura histórica como paralisia

Nietzsche considera a simples memorização (compatível com a forma de lembrança pela lembrança⁵ espontaneamente operada por Funes), dubitável e inválida, posto que não serve à vida, ficando apenas no campo teórico. De acordo com o filósofo, “Todo agir requer esquecimento” (Nietzsche, 1983, p. 58). O ser humano pode viver e ser feliz na ausência quase total de memórias, como acontece no mundo animal, mas não pode viver sem esquecer. Para ele, um indivíduo que quisesse viver apenas historicamente seria comparável a alguém que se forçasse a não dormir, assim como um animal forçado a viver apenas ruminando. Um elevado grau de insônia, de ruminação e de sentido histórico pode arruinar tanto um indivíduo, quanto um povo ou toda uma civilização.

Os homens históricos, na perspectiva nietzschiana, olham o passado com esperança porque este os impele ao futuro. Eles acreditam que o sentido da vida será compreendido ao longo do processo histórico, que a felicidade estará logo adiante. Funes vive tão preso ao passado que não parece conceber um futuro. Ao perder a capacidade de sentir a-historicamente, ele perde também a felicidade, uma vez que sua percepção completa do todo não lhe permite ação, paralisando-o diante do momento presente.

De acordo com Nietzsche, os homens históricos não sabem o quão a-historicamente pensam e agem. Eles não estão a serviço do conhecimento puro, mas

⁵ Lembrança pela lembrança, conforme a proposta de Campos, Santacana e Nebot (2015).

sim da vida, apesar de toda a sua ocupação com o passado: “A história, na medida em que está a serviço da vida, está a serviço de uma potência a-histórica e por isso nunca, nessa subordinação, poderá e deverá tornar-se ciência pura, como, digamos, a matemática” (Nietzsche, 1983, p. 60). Assim, o filósofo questiona até que ponto a vida precisa da história, visto que em demasia ela pode ser responsável pelo desmoronamento e degeneração da vida e, conseqüentemente, de si própria.

Ainda nesse sentido, no primeiro aforismo das *Considerações Extemporâneas*, Nietzsche afirma que a razão da felicidade, seja ela uma felicidade maior ou menor, reside na capacidade de sentir a-historicamente, ou seja, de esquecer. Ainda segundo ele, “Quem não se instala no limiar do instante, esquecendo todos os passados, quem não é capaz de manter-se sobre um ponto como uma deusa de vitória, sem vertigem e medo, nunca saberá o que é felicidade e, pior ainda, nunca fará algo que torne outros felizes” (Nietzsche, 1983, p. 58). A tese proposta pode ser resumida no enunciado: para viver (de acordo com sua natureza e seus instintos) é preciso que o indivíduo seja capaz de descolar-se de tudo o que passou e vivencie cada momento a-historicamente, em contraposição ao modo histórico de situar-se no mundo, pelo qual o olhar ao passado estimula a humanidade em direção ao futuro, a um contínuo vir a ser, no qual encontrará a justiça e a felicidade.

Seria importante, então, se não necessário “cultivar a história em função dos fins da *vida*” (Nietzsche, 1983, p. 60). A vida, a vontade de potência, é que deveria reger e refrear o saber em torno do passado. Caso contrário, os homens tornam-se verdadeiras enciclopédias ambulantes, abarrotadas com tempos, costumes, filosofias, artes e religiões de outros, que pouca ou nenhuma utilidade têm, pois, de acordo com o aforismo 4 das *Considerações Extemporâneas*, “o saber, que é absorvido em desmedida sem fome, e mesmo contra a necessidade” (Nietzsche, 1983, p. 62) não tem poder transformador e fica preso a uma interioridade caótica que não se comunica com a exterioridade da cultura. Esse é o retrato de Funes, homem histórico, perdido em uma avalanche de percepções, imediatamente convertidas em memórias indelévels:

Babilônia, Londres e Nova York têm sufocavam com feroz esplendor a imaginação dos homens; ninguém, em suas torres populosas ou em suas avenidas urgentes, sentiu o calor e a pressão de uma realidade tão infatigável como a que dia e noite convergia sobre o infeliz Irineu, em seu pobre arrabalde sul-americano (BORGES, 1999, p 545).

Colecionar palavras ou eventos sem entender as causas subjacentes, de forma mecânica, por hábito ou predisposição natural, prende o indivíduo ao passado, isolando-o do mundo e da vida. Um exemplo similar ao de Funes, nesse aspecto, é o do protagonista do romance *A câmara escura*, de Leonard Cline, citado por Lovecraft (1987), que procura lembrar-se de vidas passadas pela estimulação anormal da memória através de métodos prejudiciais e acaba, ao buscar a memória hereditária, inclusive de tempos pré-humanos, por tornar-se um ser desfigurado, capaz de provocar medo e repulsa até mesmo em seu cachorro de estimação. Dessa forma, tanto o conto de Borges quanto o romance de Cline dialogam com Nietzsche, na medida em que o excesso de memória, pode ser entendido também como uma metáfora da busca por dar conta da história, façanha impossível, paralisante e inútil.

5 Hipermnésia e incapacidade de esquecer e de generalizar: uma vida inútil

A angústia que corrói o espírito de Funes, quando se dá conta da capacidade de sua memória leva-o a tentar sistematizar todas as suas lembranças de maneira extremamente precisa, tanto com conjuntos numéricos quanto com a linguagem. Essa sistematização é parte do sistema da memória, conforme Vargas (2008): o cérebro precisa transformar a energia que recebe em um código que possa ser posteriormente compreendido, o que é conhecido como codificação. Esse processo ocorre por análises comparativas que geram ideias gerais, sistematizando o conhecimento. Um cérebro saudável, com boa capacidade de codificação, retém informações consideradas importantes na memória, tanto a longo quanto a curto prazo, sendo capaz de recuperá-las sempre que necessário. Dessa forma, informações de memória semântica, como saber que a Europa é um continente, e de memória episódica, como reter os nomes dos membros da família de um indivíduo, normalmente não são esquecidas.

O caso de Funes é muito particular, uma vez que ele é capaz de observar cada mínima mudança que a passagem de meros segundos causa nas coisas ininterruptamente e não é capaz de entender como funciona uma ideia geral, dado que para compreendê-la é preciso ignorar especificidades. Sarlo (1995) observa que o destino de Funes é ser um prisioneiro da matéria das próprias experiências, de um mundo no qual não existem categorias, apenas percepções, situação que o leva a tentar realizar tarefas classificatórias impossíveis e frequentemente ironizadas na

literatura borgeana. Izquierdo (2006) reforça o argumento ao explicar que uma memória perfeita impede a generalização e o pensamento. A dificuldade de generalizar também foi identificada por Luria (1968) no sujeito de um estudo de caso, investigado por apresentar uma condição mnemônica excepcional. Nesse sentido, o funcionamento cognitivo de Funes é bastante similar às constatações disponibilizadas por esses representantes das neurociências.

Em *Para além do bem e do mal*, Nietzsche afirma que, para o olho humano, é mais fácil reproduzir uma imagem já antes reproduzida do que atentar para o detalhe. Nessa linha, Seger (2019) explica, através das reflexões de Blanchot, que a visão supõe uma distância, uma capacidade de não estar em contato. É justamente devido a essa distância que se torna possível conhecer e utilizar aquilo de que se está próximo. Assim, a imagem seguir-se-ia ao objeto, derivando-se de sua perda. No entanto, por meio da imagem é possível um reencontro, uma vez que esta permite dispor do objeto em sua ausência. Não é o que acontece com Funes, que tudo percebe, nos mínimos detalhes, simultaneamente e de forma não seletiva. De acordo com Seger (2019), Funes não dispõe das imagens, mas são elas que dele dispõem. A queda teria abolido sua capacidade de distanciamento, transformando a distância em profundidade e levando-o vertiginosamente ao abismo de um espaço insubstancial onde tudo o que existe é sombra de alguma coisa inacessível pela linguagem. O narrador aponta o quão sufocante essa percepção de Funes pode ser:

Nós, de uma olhadela, percebemos três taças em uma mesa; Funes, todos os rebentos e cachos e frutos que compreende uma parreira. Sabia as formas das nuvens austrais do amanhecer do trinta de abril de mil oitocentos e oitenta e dois e podia compará-las na lembrança aos veios de um livro encadernado em couro que vira somente uma vez e às linhas da espuma que um remo levantou no Rio Negro na véspera da batalha do Quebracho. Essas lembranças não eram simples; cada imagem visual estava ligada a sensações musculares, térmicas, etc. (Borges, 1999, p. 543).

A sinestesia vivenciada por Funes na recuperação das suas memórias é um fenômeno também identificado nas lembranças do sujeito dotado de memória excepcional investigado por Luria (1968). Para a pessoa participante do estudo, as imagens evocavam experiências sensoriais variadas: cor, som, peso e gosto, entre outras. De certa forma, as lembranças acessadas via imagem lançavam o sujeito no contexto sensorial do evento vivido, tal como acontece com Funes.

Além de experienciar associações sinestésicas, outro aspecto, de natureza cognitiva, chama atenção em Funes: a dificuldade de generalização que o impede de compreender como se denomina *cão* o mesmo ser visto de frente e de perfil. Isso o leva a tentar classificar tudo aquilo que percebe, tentativa inútil como já demonstram as reflexões de Nietzsche a respeito da linguagem, vista como um conjunto de metáforas que buscam traduzir a realidade inalcançável. Em *Sobre a verdade e a mentira* (2007), o filósofo afirma que a linguagem é incapaz de traduzir a vida por ser uma realidade criada pela mente humana diante do inaudito. Incapaz de suportar a vida em si, o ser humano, simultaneamente aterrorizado e encantado, busca refúgio na linguagem, criando um mundo enganador por meio do intelecto. Desse modo, a linguagem abstrai o devir das experiências, retirando delas seus aspectos essenciais e passando a buscar por diretrizes, princípios, leis e verdades capazes de reger a vida e expulsar dela tudo aquilo que é incompreensível.

A tentativa de Funes de sistematizar todas suas memórias em linguagem não dá conta da missão proposta por Nietzsche de repensá-la (a linguagem) para afirmar a vida em vez de negá-la por meio do ocultamento do movimento constante. A busca pela verdade não é suficiente, muito menos necessária, uma vez que ela (a verdade) é apenas uma mentira afirmada em consenso. Para libertar-se da busca pela verdade é preciso conceber o super-homem, capaz de afirmar-se diante da vida, superando o conhecimento enganador. Na perspectiva nietzschiana, não há utilidade na história como ciência pura, nem na linguagem enquanto expressão da “verdade”. O limitado Funes faz o movimento oposto ao postulado por Nietzsche, para quem a linguagem deve ser utilizada como instrumento para intensificar as inúmeras possibilidades de vivências, favorecendo o sentir mais próximo possível da sua totalidade e essência. É nessa tentativa de classificação que Funes vê a inutilidade de sua tarefa, uma vez que levaria a vida toda catalogando somente as memórias da infância e estaria apenas sistematizando sua relação subjetiva com o mundo.

6 Considerações finais

Nietzsche (1983) reflete sobre a cultura histórica (na qual a incapacidade de esquecimento de Funes se insere) baseado na crença de velhice da humanidade, velhice essa que tem uma ocupação senil: a de olhar para o passado e procurar consolo naquilo que já foi, através das recordações. Tamanho foco no passado é

paralisante para o indivíduo (e a humanidade) uma vez que a cultura histórica, assumida pelo cristianismo, recusa o enfoque na afirmação da vida e no devir para manter o foco no derradeiro momento da vida humana, mantendo o ser humano na expectativa de um juízo final, de uma história linear, orientada para um fim. Tal perspectiva é hostil ao novo, uma vez que parece ver na manutenção da tradição, um caminho garantido e predeterminado.

O narrador, ao lembrar seu último encontro com Funes, percebe-o como um homem tão monumental quanto o bronze, anterior ao antigo Egito e capaz de conter em si toda informação que já se lhe apresentou. A monumentalidade de Funes causa-lhe tanto espanto que ele teme que sua fala e seus gestos, seus “trejeitos inúteis”, possam ser perpetuados para sempre na prodigiosa memória de seu interlocutor. Funes, desse modo, pode ser visto como uma personificação da cultura histórica, concebida e criticada veementemente por Nietzsche. Sarlo (2005) defende que é preciso ouvir o alerta de Nietzsche, uma vez que, apesar da impossibilidade de esquecer completamente o passado, que aparece na memória de forma muitas vezes involuntária, como um cheiro que chega às narinas, uma história monumental impede os ímpetus da ação, no tempo presente, que precisa estar relacionada ao futuro e não ao passado.

A história dos antiquários, sem outro fim que não a rememoração, tão criticada por Nietzsche, quando transposta para o plano individual, no caso específico de Funes, de acumular lembranças sem razão nem propósito, ao ponto de ele próprio afirmar “Minha memória, senhor, é como despejamento de lixo” (Borges, 1999, p. 543), conduz o personagem a uma autodestruição previsível. O óbito de Funes, na casa dos vinte anos, por uma congestão pulmonar sugere um sufocamento advindo da angústia causada pelo tamanho peso da “febre” histórica que o sepulta em uma hipermnésia completamente desprovida de sentido. Ruminou tanto e tão repetidamente que foi a causa do próprio fim⁶, assim como a história, para Nietzsche, caso fosse uma ciência pura, levaria ao fim de si mesma.

Ao retratar, na verdade, a inutilidade da prodigiosa e excessiva memória de Funes e suas tentativas frustradas de codificar e classificar suas lembranças, o conto vai demonstrando, ponto a ponto, os argumentos usados por Nietzsche **contra** a memória. No final, como numa simetria invertida, ou num jogo entre fotografia e seu

⁶ Aseff (2021) pertinentemente aponta para a possível associação do nome de Funes ao adjetivo funesto.

negativo, a narrativa acaba por fornecer mais uma evidência a favor da tese nietzschiana da necessidade do esquecimento como condição para possibilitar a livre manifestação da potência de vida para indivíduos e sociedades, tanto na ficção quanto na vida real.

FUNES, THE MEMORIOUS, BY BORGES: DOES REMEMBERING CORRESPOND TO LIVING?

Abstract: Due to its relevance, memory has been a frequent theme of study in the field of humanities throughout history. In this sense, this piece of work sets out to investigate issues concerning memory and forgetting, taking as its object Borges's short story "Funes, the memorious". Methodological procedures comprehend an interpretive analysis of the short story, supported by Nietzsche's postulates considered relevant for the study, and supplemented by contributions offered by neurosciences, particularly those given by Izquierdo and Luria, in addition to literary criticism commentaries. Conclusions confirm the nietzschean thesis which states that memory excesses and a-historic bonds with the past cause ominous consequences to the life of individuals and societies, as applied to fiction and reality.

keywords: Memory and forgetting. Borges. Nietzsche. Historical culture. Literature.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ASEFF, Marlova Gonsales. Borges e a poética do esquecimento. *Revista Conexão Letras*, [S.L.], v. 16, n. 26, p. 192-204, 20 jan. 2022. DOI. <http://dx.doi.org/10.22456/2594-8962.117262>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/conexaoletras/article/view/117262>. Acesso em: 8 fev. 2022.

BORGES, Jorge Luis. Funes, o memorioso. *Obras completas. v. I*. São Paulo: Globo, 1999.

CAMPOS, Juan Antonio Amador; SANTACANA, Maria Forns; NEBOT, Teresa Kirchner. Repertorios cognoscitivos de atención, percepción y memoria: Documento de trabajo. Departamento de Personalidad, Evaluación y Tratamiento Psicológico, Facultad de Psicología. Universidad de Barcelona. 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/37814245_Repertorios_cognoscitivos_de_atencion_percepcion_y_memoria_documento_de_trabajo. Acesso em: 23 mar. 2022.

IZQUIERDO, Iván; BEVILAQUA, Lia R. M.; CAMMAROTA, Martín. A arte de esquecer. *Estudos Avançados*, v. 20, n. 58, p. 289-296, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v20n58/22.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2019.

IZQUIERDO, Iván. *Memória*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LOVECRAFT, Howard Phillips. *O horror sobrenatural na literatura*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.

LURIA, A. R. *The mind of a mnemonist: a little book about a vast memory*. Tradução de Lynn Solotaroff. New York / London: Basic Books, 1968.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e ninguém*. Tradução de Gabriel Valladão Silva. Porto Alegre: L&PM, 2022.

NIETZSCHE, Friedrich. Considerações extemporâneas. In: *Obras incompletas*. Coleção Os Pensadores: seleção de textos de Gérard Lebrun. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 53-81.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre verdade e mentira*. São Paulo: Hedra, 2007.

OLIVEIRA, Eduardo Marcos Silva de. O Além-do-Homem e o Cristianismo. *Interações*, Belo Horizonte, v. 12, n. 21, p. 172-196, jan/jul 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/40626979/O_Al%C3%A9m-do-homem_e_o_Cristianismo?email_work_card=title. Acesso em: 18 mar. 2020.

PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*. 2. ed. Jandira, SP: Princípios, 2019.

SARLO, Beatriz. *Borges, un escritor en las orillas*. Buenos Aires: Ariel, 1995.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SEGER, Débora. Cair (recair) saltar. *Concinnitas*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 35, p. 108-132, set. 2019. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/44876>. Acesso em: 25 jan. 2022.

Si te he visto no me acuerdo Borges y Funes el memorioso. Buenos Aires: Televisión Pública, 1985. P&B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oqg0crj1S2o>. Acesso em: 25 jan. 2022.

VARGAS, José Maria Ruiz -. ¿De qué hablamos cuando hablamos de 'memoria histórica'? Reflexiones desde la Psicología cognitiva. *Entelequia*, Málaga, v. 7, p. 53-76, set. 2008. Disponível em: https://revistaentelequia.wordpress.com/2008/09/04/de-que-hablamos-cuando-hablamos-de-memoria-historica-reflexiones-desde-la-psicologia-cognitiva/?iframe=true&theme_preview=true. Acesso em: 17 jun. 2021.

Recebido em 08/02/2023

Aceito em 14/08/2023

Publicado em 27/08/2023